

Um olhar sobre a obra de Flávio Andrade

Hoje em dia não existem sociedades coletivas. Um homem faz-se no seu individualismo. Numa rápida, intensa procura do seu prazer, não se reconhece a si próprio.

Pela complexidade que é, do que faz parte, porque todo o ser humano é o produto da presença /ausência e acompanhamento familiar, daqueles que o marcam ao longo da vida e que contribuem para o seu crescimento. Cada um forma o ser que é, o Eu. Um pouco daqui, outro pedaço de acolá, num conjunto que se agrega para ser algo, como uma peça de barro ainda bruta, em busca de aceitação. Mas quando se segue tão depressa, não se toma consciência das marcas, das inscrições deixadas pelos outros no percurso de vida e, subitamente, quando se depara consigo mesmo, com todas essas facetas do Eu, com a forma como se age, estranha-se. Ao ver-se ao espelho, o seu reflexo, a luz revela a embalagem, mas não o conteúdo: “em quarentena... só tenho eu para lidar comigo. E tenho reações estranhas, das entranhas. Não me reconheço. Há facetas em mim que desconheço. Então, estudo-me, tomo a liberdade de entrar em contacto com o meu Eu, de conhecer todos os meus interiores, todas essas inscrições, todas essas partes que fazem de mim um todo, mas do qual não tenho conhecimento. Tenho agora o tempo de, calmamente, conhecer-me, deparar-me e desformatar-me. Lá fora, não sou mais que um mero estranho, que apontam como alguém que eu não reconheço.”

Pensar este tempo de confinamento quando no exterior, fora de casa, o que aparentemente seria liberdade, é na verdade bem diferente, essa liberdade é posta em causa; todos os paradigmas e palavras tomam um sentido, um significado diferente porque, dentro de casa, supostamente, há a liberdade de cada um ser ele próprio, apesar de ter de partilhar o espaço, a família e o seu ser.

Quando se sai para “ser livre” e fazer o que apetece, o exterior apresenta-se como um vasto horizonte, aliás, um vasto horizonte de possibilidades. Quando se está fora de quatro paredes, há a supervisão de todos os outros: é como um gigante *big brother*, numa constante avaliação e interpretação, em prol de um falso controlo pandémico que, à falta de bom senso, cai numa afronta à liberdade e aos direitos humanos. Como prisioneiros *outdoor*.

Na sociedade existem regras, que se cumprem para que o quotidiano seja fluido. No entanto, as novas regras, do exagero, ao despreendimento são sempre uma dicotomia de comportamentos humanos que fazem com que acções simples pareçam grotescas, e acções grotescas sejam consideradas aceitáveis. As palavras tomaram definições contrárias devido ao surto pandémico. O bom senso, essa linha no meio, o regular e não tendencial - o equilíbrio, deixa de fazer sentido. Torna-se escasso e, nalguns casos, deixa mesmo de existir.

Flávio Andrade é um fotógrafo que retrata o ser humano, o diálogo deste com o espaço que o envolve. Vejamos o trabalho “The city in my mind or the fear of my sky” que reflete o ser humano num contexto citadino, interior e as microcomunidades que daí advêm. É ele um indício de um processo de mudança na construção narrativa da obra do autor.

Em “Sempre que há um céu procuro a noite para me abrigar” vemos um retrato contínuo da presença implícita, em cada frame, na ausência retratada do elemento humano. Podemos mesmo afirmar que FA retrata a essência humana, transmitindo os seus medos, as suas vontades, os seus sonhos, os microestados e as suas patologias associadas. Investiga, pesquisa e estuda. A fotografia é a linguagem, o suporte para comunicar, partilhar, apresentar

a sua visão do tema pesquisado. Claro que é sempre um olhar de artista, uma visão pessoal, interpretativa e com referências de outros autores e fotógrafos; inspirado por filósofos, escritores e pensadores.

No trabalho “Ensaio sobre o isolamento” Gilles Lipovetsky é uma referência e, segundo ele, a modernidade desenvolveu este sonho de criar, construir novas sociedades, utopias coletivas, numa busca de liberdade individual e prazer que culminaram em tribos urbanas, em subcamadas sociais que coexistem marginais, por apresentarem comportamentos e formas de estar que contestam os estabelecidos pelas sociedades atuais. Estas comunidades são expostas por Flávio Andrade que, num olhar próprio, as invoca nos seus trabalhos.

É sem dúvida um fotógrafo com referências de outros autores, desde Antoine d’Agata, Jorge Molder, Francesca Woodman e tantos outros, numa reinterpretação retratual do ser humano e seu estado emocional. Pelos objetos que fotografa, pelo retrato objeto, pela linguagem quase que efêmera mas simultaneamente existencial e matricial. Não menos importante, o estado emocional para onde nos remete e nos “fere” enquanto espectadores com este “Ensaio sobre o isolamento” - o *punctum* que tão bem Roland Barthes apresenta em “A câmara clara” estão aqui representados - a dor, a angustia, o desespero, a ansiedade, a revolta, a violência emocional, são sinais emocionais explícitos na sua narrativa.

Neste projeto, FA é a sua própria matéria, o seu corpo, o seu ser, a sua imagem, tal como em “Vago”, que antevê as evidências que estabelece no “Ensaio sobre o isolamento”. É daí que vem a matriz do seu trabalho, que em paralelo com o “real” é efêmero e quase fantasmagórico, como nas personagens de Hieronymus Bosch surreais, irracionais e até certamente atuais.

Freud afirmava que “A mente do ser humano, é, na sua essência, um terreno de conflito”.

Neste paradigma em que se vive, existe uma bipolaridade entre a materialidade e a espiritualidade, entre a realidade e a ficção, entre a tristeza e a alegria, entre a grandeza e a desvalorização, ou a fé e a descrença. Há um certo “ar” de submissão e de aceitação, tudo isto provocado por um vazio, um aparente vazio que, será um exagerado aglomerado de palavras simples que tornam tudo muito complexo, quase como uma questão científica, onde a velocidade maior é estar parado. E, esta quarentena, de facto, fez uma paragem obrigatória e uma chamada de atenção para a humanidade, instigando-a a desconstruir hábitos sociais, comportamentos e atitudes, para poder continuar, mais próximo do que será a relação humana com a natureza. A obra de Flávio Andrade aponta para estas facetas, e constata que não há um único olhar, mas sim vários olhares, que se cruzam muitas vezes. Estabelecendo, ligações e conexões mais próximas da verdade.

Sónia Honório

Artista plástica e curadora

Coimbra, Maio 2020